NUMERO 18 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

R. ZAMORA F. VIEIRA

O IV PORTUGAL-HESPANHA

Pag. 2
O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 18
LISBOA 17 DE MAIO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua

AS SEMANAS

Não teem fim as invenções humanas,
e algumas são de um brilho extraordinario;
por exemplo essa historia das «semanas»
disto e daquillo,—fóra o calendario.

Ás vezes, mal a gente se percáta,
lei, decreto, edital, ou portaria,
marcam semanas celebrando a data
do que ás vezes foi feito só num dia.

Já fallam na semana da creança...
Ao sabor de tão altas phantazias
inda havemos de ver, tenho esperança,
uma semana em cada nove dias.

Terminou a semana de Pombal,
que em pleno Além seguramente apita,
por ver que á sombra da expansão postal
nos sugam de uma forma tão jazuita...

E afinal, acho bem, porque em verdade
todos nós parodiamos esse gesto...
Portugal e um paiz cuja metade
vive a entrar de semana... com o resto.

TAÇO

FICOU adiada para o dia 23 a conferencia que o nosso colega Adolfo de Castro ontem devia ter realizado, na Faculdade de Letras, sobre «A pintura portuguesa nos seculos XV e XVI».

CONTINUA, por alguns dias aberta, com o maior exito, a exposição de aguarelas de Martins Barata, onde tem ido tudo quanto em Lisboa marca no mundo literario artisco e mundano.

REAPARECEU o brilhante jornal da noite «Diario da Tarde». Encontra-se instalado na antiga redação de «A Republica» e dirigem-no os nossos amigos Victor Falcão e Julião Quintinha.

CONTINUAMOS a receber do Porto o brilhante semanario «Pim Pam Pum», que vem esfusiante de graça e com flagrantes desenhos do notavel humorista «D. Fuas».

ABRIU no Porto a exposição dum notabilissimo artista da moderna geração, o pintor Joaquim Costa. Na Sociedade Nacional de Belas Artes, onde os quadros do moço pintor portuense têm sido sido sempre mal colocados nos «salons» oficiais, já no entanto Joaquim Lopes marcou e interessou como um grande valor que é.

TEMOS recebido muitos originais de novelas, a que daremos publicação quando fôr possivel. Simplesmente alguns, pelas suas dimensões, não estão nas condições precisas. Outros, pela falta de movimento, não interessam suficientemente tambem.

Não desistam porem os seus autores e contem com a melhor bôa vontade nesta casa.

A QUESTÃO DOS FOSFOROS

—Olhe, mãestnha, — pode estar descançada que estes fosforos novos são bons. Experimentei-os todos.

questão prévia

UM quarto de hora que tive disponivel, puz-me a pesquizar as origens deste mal-estar de que geralmente enfermamos, verdadeira atmosfera de hostilidade em que desfalecem energias inteligentes e em que as iniciativas mais fogosamente lançadas em breve estacam, com o folego opresso pela espessura do ambiente.

Seria isto porque nós fossemos fundamentalmente maus ou empedernidamente estupidos? Posto e verrumado o problema, cheguei á tristissima conclusão de que isto é assim por nós sermos, sem excepção, uns indolentes de cerebro cuja actividade se resume a fazer juizos temerarios, baseados numa incomensuravel falta de respeito pela liberdade de que deve gosar o nosso similhante de fazer asneiras ou epopéas, livros de versos ou pontes metalicas.

Nós passamos a maior parte do tempo a fazer critica, mas no sentido restrito de censura. Dizemos mal por gosto, por temperamento, quasi por necessidade fisiologia e isto favorece singularmente as iniciativas e as pessoas mais mal dotadas de condições de vida e de inteligencia, porque a essas fundações e a essas pessoas basta-lhes, para vingarem e progredirem, revestirem-se duma solida couraça de indiferença—a que vulgarmente se dá o nome de descaramento.

* *

A falta de respeito, exteriorisação do nossò egoismo absurdo, verifica-se a cada passo, na vida social: no lar como na rua, na politica como na plataforma dos electricos, nas artes como nas letras.

O leitor ha-de ter entrē os seus conhecidos, os seus amigos, mesmo entre os seus parentes quem o censure se a vida lhe corre prospera e quem o censure egualmente se a roda da fortuna desandou.

—Eu não percebo como é que ele pode viver, com o ordenado que tem, numa casa de seiscentos mil réis de renda! — dizem uns, no primeiro caso.

—O que eu não compreendo é como ele, com os rasoaveis proventos que tem, traz as botas cambadas e a mulher anda ainda com o chapeu do verão passado!—dizem os mesmos, no segundo caso.

—E um gastador!—concluem.

—E um sordido sovina!—tornam a concluir.

Entre os que censuram a sua prosperidade ou a sua modestia ha, por exemplo, um amigo, primo ou cunhado que escreveu um livro, ou teve uma peça representada. Cabe a vez ao leitor de censurar e ao jantar, em familia ou á tardinha, no café, entre amigos, desabafa:

—Onde iria aquele animal aprender a escrever, ele que não era capaz de escrever uma carta sem dois erros em cada linha! — dirá o leitor, se o livro ou peça teve exito.

—Quem mandou aquele sapateiro querer tocar rabecão!—comentará, no caso dum fiasco.

—E uma besta!—concluirá em ambas as hipoteses.

É assim que nós, regra que quasi não sofre excepções, formulamos os nossos juizos sobre a vida e a obra alheias, sem respeito pela inviolavel intimidade e pelo trabalho dispendido em qualquer realisação.

Na nossa ancia de mal dizer vamos até á invenção e é profecia. Está para sair um jornal, para publicar-se um livro, para representar-se uma peça ou para abrir uma exposição de pintura e nós fazemos logo d'alto e definitivamente, o nosso juizo antecipado:

—Isso é que vai ser uma borracheira!

* *

O leitor, que decerto está a concordar comigo, deve estar perguntando aos seus botões como é que pode viver-se numa sociedade assim, em que não ha o respeito pelo trabalho, nem pela inteligencia, nem pela cultura e em que tudo se razoira pelos despeitos e pelas antipatias.

Vive-se—aos encontrões, E quem fôr menos dorido e mais agilmente manobrar os cotovelos é que consegue chegar aos pincaros, que se conservam inacessiveis aos que, embora dotados de todas as faculdades intelectuais, nasceram aleijadinhos, por lhes faltar aquele «descarado heroismo de afirmar» de que fala Eça de Queiroz.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

Dois dramas

Por mais que os filosofos doutrinarios se exforcem por fazer da «politica» uma sciencia subtil de luctas elevadas e desinteressadas, na realidade ha-de ser sempre aproveitada pelas paixões humanas, e por estas repetidamente dominada.

E por isso o «crime politico» continua tendo fôro de facto de todos os dias...

Um dos mais impressionantes sucedeu a semana passada no «Burge Theater» de Vienna d'Astria.

Representava-se o «Peer Gynt» do sombrio Ibsenc, durante o qual ha uma scena em que a sala de espectaculo se encontra em quasi absoluta obscuridade.

De subito d'um camarote partem tiros.

Era uma mulher, Filomena Haren que assassinava, a tiros de browning o chefe do partido da Macedonia, Dirnitry Panitza,

Agora, honra aos actores. Emquanto os espectadores fugiam aterrados, eles, os interpretes do drama do sombrio Ibsen não arredavam pé!

Fome de morte

Que se morre de fome é uma triste realidade de todos os dias...

Mas em Sião um capitalista foi encontrado morto na sua sala de jantar, perante uma mesa lautamente servida, e tendo ainda o guardanapo atado á volta do pescoço.

Morreria de inaninação por não saber por onde começar o jantar?...

Cigarros de luxo

Não nos podemos queixar por o nosso paiz estar atrazado sob o ponto de vista de explosivos...

Mas a verdade é que ainda não chegaram até nós os «cigarros explosivos», de que já se ocupam as noticias de Paris.

E' o caso que por varias vezes já na grande capital tem sucedido explodir de subito um cigarro entre os labios do fumador, causando ferimentos, sem que se saiba explicar bem o motivo.

Quando se aclimatará entre nós essa «moda» nos cigarros?

Macacos no prego

Triste destino duns macacos!...

Vinham com um dono de circo para fazer esgares em Bordeus. Mas o homem tinha dividas, e os macacos foram... penhorados ferosmente pelos credores!

Não houve gritos de macaco que comovessem esses crûeis credores...

SPECTADOR

comentarios

a horta do Terreiro do Paço

Emquanto poetico e inflamado, o sr. dr. Alfredo Guisado, espeta o Ulisses florido na Rotunda, a um canto do Terreiro do Paço, tranquila e decorativamente, nasce plantada por mão carinhosa, uma horta fresca de bôas couves e nabiças azuladas, com seu canavial em xadrês atado a rafia... O' santa, lirica, terna e inconfundivel Lisboa—para que pensam teimosamente em elevar-te á categoria estonteante de capital civilisada os teus poetas-vereadores, quando tu nasceste humilde, para plantares na tua primeira Praça, em 1925, esse simbolo de despreocupada e feliz existencia—meio molho de nabiças!

agua-vai...

Os governo sem Pórtugal, talvez por que vivam pouco tempo, nascem e morrem sem terem tempo de tomar atitudes que vão alem de meros expedientes pueris.

Este gesto de atirar para Angra do Heroismo, num «agua-vai», os desoito «legionarios vermelhos» — como quem despeja o barril de lixo sobre a tranquila população das ilhas—é comovente.

Se houvesse possibilidade de congregar cinco mil pessôas numa resposta de espirito, seria interessante realisar esta ideia dum ilheu: enviar, eleito deputado, pelas Ilhas, ao Parlamento, o bombista de maior cadastro entre os novos «touristes» de Angra...

herois e traidores

Duas duzias de lares, onde ha creanças e lagrimas de mulheres, e onde os homens são bons, generosos e leais, estão ameaçados de fome. Em nome não sabemos de quem, mas talvês em nome duma feroz cegueira de ideias, alcunham-se de traidores os que o acaso dumas horas faria herois.

Como caem rapidos os grandes fantoches decorativos da politica, e como os eclipses das estrelas dos generais são imprevistos e ocasionais—tudo no mundo se renova e se transforma — esperamos tranquilamente o clarão de treguas que ilumine os deuses vencidos—no momento em que sejam vencedores...

aguas passadas

O sr. Carlos Pereira, o aquatico deputado que tem sido o cabeça de turco a proposito das deficiencias da companhia que dirige, a qual é acusada de ter uma grande receita «liquida», propôs-se fazer uma conferencia publica na qual admite controversia e alvitres.

Ora aqui está um exemplo digno de atenção; e que podia ser seguido com sucesso por alguns famosos homens da politica. Arvorando-se em «contador» das proprias desgraças o sagaz cavalheiro mandou lidar o boi por curiosos, reconhecendo-se impotente para resolver sosinho os problemas que se apresentam no seu cargo. E' pelo menos dum sinceridade de clara... como «agua».

AGRICULTURA

—Vê-se que o cavalheiro é muito cultivado...
—Foi por isso que me deram o «merito agricola»...

O que se lê

«CLARIDADE» — prosas contemporaneas, por João Ameal (Coimbra, 1925).

João Ameal, apezar de muito novo, tem já uma longa pratica deste inofensivo entretenimento de fazer critica impressionista de obras contemporaneas, ou seja, de oferecer ao publico a nossa opinião sobre qualquer brochura que «vient de paraître».

João Ameal está, portanto, apto a crêr na sincera contrariedade com que me vejo forçada a utilisar apenas alguns avaros centimetros do «Domingo Ilustrado» para dizer sem maiores preambulos, que o seu ultimo livro me deu a impressão de ser uma das suas obras mais definitivas.

Algumas das qualidades que são o timbre espiritual e estetico da sua prosa previlegiada —como a riqueza e a variedade do vocabulario, a eloquencia ardente, a certeza de visão, um bom senso e um sentido de justiça rarissimos—teem, neste volume, mais um ensejo para se patentearem. Mas, lado a lado com tão invejaveis qualidades, surge pela primeira vez em toda a obra do moço escritor, uma admiravel serenidade de expressão posta ao serviço duma nitida finalidade doutrinaria, a comprovar, de novo, que a segurança e o brilho literario só lucram com a circunstancia do escritor já ter encontrado, dentro do campo das idéas, o seu unico e verdadeiro caminho.

João Ameal conseguiu ser um escritor da vanguarda, sendo um tradicionalista convicto. Vai á frente, olhando bem para a frente, mas com a sua alma de fidalgo e de artista prêsa ás amarras dum grande Passado heroico, enamorado de tôdas as formosas atitudes sensuais e de todos os gritos de independencia e de orgulho que nobilitaram as gerações vencedoras.

Em quasi todas as cronicas reunidas sob o titulo de «Claridade» —luz de redenção que ao longe se adivinha—descobre-se a mesma luminosa verdade que norteia o categorisado paladino da «Geração do Regresso», verdade que só pelo simples motivo de ser linda e cheia das mais puras intenções, já engrandeceria, até certo ponto qualquer escritor que a defendesse e a quem, ao contrario do que acontece com João Ameal, não sobejassem razões para ser admirado e louvado.

Tereza LEITÃO DE BARROS

Por falta de espaço, não se publicam neste numero as referencias criticas ás seguintes obras: «Auto da Vida Eterna», de Augusto Santa Rita, «Israel» de Adolfo Benarus, «Amanhecer» de Maria Helena.

Fazem-se referencias criticas neste jornal a todas as obras que forem enviadas a esta redacção.

No Liceu Pedro Nunes

Por conveniencia de paginação inserimos no proximo numero a nossa grande reportagem sobre este estabelecimento de ensino, com grupos de alunos e notas sobre toda a vida liceal.

A RESPEITO DE CRIMES

—Tu já reparaste que quando se faz a «exumação» dum cadaver é sempre para «enterrar» alguem?

Crónica alegre

O AMIGO LEAL

—Oh! Rodrigues!

—Oh! Leal!

E num abraço forte, uno e indivisivel, os dois amigos estreitaram-se numa grande alegria.

—Tu! O meu grande amigo! Aqui!

—E' verdade! Que alegria tenho em ver-te! — e outro abraço bi-selou a grande amizade dos dois.

—Então que tal te deste pela Africa, meu caro Leal?

—Fui pouco feliz! Gastei o melhor de duzentos contos numa plantação de tabaco e contava ficar milionario em

dois anos com a exportação de cigarros!

—E então?

—Então... nada! Como os cigarros precisam de mortalhas, fiz tambem uma plantação de papel mas veio a filoxera e lá foi tudo na cheia!

—E depois?

—Depois, como em Africa ha muitos coqueiros, montei um grande armazem de chapelaria, julgando que ganhava uma fortuna!

—E não ganhaste?

—Não! Com o calor anda lá tudo de chapeu de palha e os côcos ficaram na loja!

—E agora?

—Agora estou estabelecido na Rua da Esperança com um armazem de mercearia! Tu, é claro, já sabes: Está tudo ás tuas ordens!

—Isso é um enorme favor, meu caro Leal! O que ganho no Ministerio não me chega nem para morrer de fome! O que me vale é que a familia já se habituou ao sistema da homeopatia alimenticia!

—E tua mulher!?

—Na mesma! Aquele genio! Tem os nervos mais sensiveis que o cabelo de um relogio de pulseira para creança!

—E os teus filhos?

—Uma desgraça! O mais velho, deu-lhe para ser honrado e ganha trezentos mil reis por mez! O do meio com a mania do «foot-ball», anda sempre com as botas «off-side» e prega-me cada «penaltey» na escola que ha doze anos que fica mal no exame de instrução primaria!

—E a pequena?

—Essa anda ha que tempos com o anzol do casamento pendurado, mas não sei porque azar, volta sempre para casa sem isca e com o anzol todo sujo!

—E o teu filho mais novo?

—Ah! Esse está bem! E' «groom» no Bristol! Ganha uma media de duzentos mil réis por noite mas, como é amante de dois «papillons», não lhe chega o dinheiro para comprar pomada para limpar os botões da farda! Emfim! Uma desgraça! De tanto pensar na vida, arranjei uma bronchite nos miolos, que nem me posso mecher! A fome lá em casa é tão grande que já cheira quando se passa no largo em frente!

—E que pensas fazer!?

—Sei lá! Já estudei o plano de um «raid» em biciclete até aos Açores! Isto dos «raids» parece que dá muito, mas não tenho biciclete!

—Pois, Rodrigues! Já sabes que a loja está ás tuas ordens! Vendo-te tudo pelo preço do custo!

—És um grande amigo! Um verdadeiro irmão!

—E tu Rodrigues!! Que grande amisade a nossa!

* * *

—Ó Rodrigues! Olha que o grão lá do teu amigo Leal não se cose nem com uma agulha de marear!

—Ora essa?!

—E a manteiga cheira a rodas de carroça que tresanda!

—Isso é das vacas!

—E o petroleo? Tambem é das vacas?

—Não! É da «Vacuum»!

—Dá cada estoiro quando se lhe chega um fosforo, que parece que estamos na Rotunda!

—E que naturalmente tambem se lhe meteu em cabeça salvar isto!

—O teu grande amigo Leal, parece-me que é um bom intrujão!

—O Leal?! Não digas! Um irmão, quasi uma mãe!

—É um intrujão, já disse! —e a esposa do Rodrigues aproveitou a aberta para uma crise nervosa em que demonstrou as suas raras faculdades em partir louça, atordoou a visinhança com gritos e deixou a cara do marido transformada em papel de musica.

* * *

O Leal ia lá jantar a casa todos os dias. Tinha-lhe emprestado dois contos ao juro de 10.000 % ao mês, fornecia-lhe macarronete que sabia a sabão azul e branco, ministrava-lhe um azeite que era alcool canforado por uma pena e obrigara-o a empenhar o relogio para entrar numa sociedade exploradora de minas de cordas para viola, que tinha falido antes de existir.

O Rodrigues sabia que tudo aquilo era pela grande amisade que o Leal lhe dispensava, mas intimamente a lastimando não ter corpo para aguentar tanta amisade junta.

E, de cada vez que o Leal aparecia á porta:

—Venha de lá um abraço meu grande amigo Rodrigues!

Ele já sabia que não ficava migalha do jantar e que o almoço do dia seguinte tinha de ser preenchido por uma assorda sem pão, muito pouco substancial.

* * *

Quando uma tarde Rodrigues chegou a casa na ponta dos pés, exercicio que ha muitos dias praticava para gastar menos calçado, achou em cima da cama a seguinte carta:

«Meu querido amigo Rodrigues.

«Entre nós houve sempre uma grande amisade. Pela minha parte tenho-te dado da melhor vontade inumeras provas disso. Pois quero que mais uma vez creias nesse extraordinario afecto. Como a tua mulher tem muitos nervos e tu sofres com isso, passo a viver com ela. Não tens nada que me agradecer e podes mandar buscar os teus filhos porque eu tenciono fazer outros novos. Conta sempre com a grande amisade do teu sincero amigo, Leal.»

Rodrigues, sentiu que duas lagrimas indiscretas estavam á «cóca» entre as palpebras tremulas. Sentiu até ao amago toda aquela abnegação e comovidamente, monologou:

—Que grande alma! Que grande amigo!

HENRIQUE ROLDÃO

Expediente

Vamos proceder á cobrança das assinaturas de "O Domingo ilustrado".

A fim de nos evitarem despesas e transtornos, esperamos que os nossos presados assinantes satisfaçam os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

Sports

O GRANDE DESAFIO D'HOJE

As ferias de Montachique

Como passam os oito dias os homens da selecção nacional—Notas de reportagem e de ambiente

Fresco. Charneca cheia de Sol. O Automovel corre tanto quanto a estrada má o permite. Amanhece. Artur Inês e eu, vamos pressentir, em plenas ferias de sport, os homens da selecção que jogam hoje, colocando o nome português na sua verdadeira escala foot-bolista. Deixamos Lumiar, Loures, abre-se em seguida o vale, e logo o Cabeço de Montachique surge com o Sanatorio Grandela em ruinas, e estamos já no logarejo dos arrabaldes—Montachique.

* * *

Automoveis, sid-cars, um belo carro amarelo. Dizem do lado: é do Ayres da batota...

No meio da estrada, Cesar de Matos, brinca aos condutores, tocando a campainha, num camion que os levará á festa de Loures. Alguns dos jogadores sentam-se, somnolentos, nos bancos baixos.

Jorge Vieira, Stromp, vêm de caçar. Não mataram nada.

Ha «blagues».

—«Eh! Pá! Manda fritar isso...

Entramos no improvisado hotel da D. Dolores, onde estão todos. No terraço, sob a parreira fresca, ha ainda uma mesa armada. Duas duzias de amadores fervorosos, o Resende, o Stromp, amigos varios, fazem grupo. Tem todos o ar duma excursão de colegiais. Obedece-se com ordem e respeito a Ribeiro dos Reis e ao medico —o Dr. Augusto Fonseca.

* * *

Jorge Vieira, está elegante no seu «jersey» verde negro com os emblemas dos «leões». Tem a barba por fazer

—«Nada! Prefiro andar assim.

—E' o caso—vi as barbas do visinho a arder... Os meus colegas foram cá ao figaro da terra... o Ribeiro dos Reis rebolava-se na cadeira de tal forma que lhe perdi logo a vontade...»

* * *

Entre os onze seleccionados e respectivos suplentes ha de tudo. Desde Cesar de Matos que é electricista, a Jorge Vieira montador electrico na Imprensa Nacional, passando por Jaime Gonçalves que é funcionario do Ministerio das finanças, Francisco Vieira que é estofador, Figueiredo (o tamanqueiro) que é pura e simplesmente vendedor de peixe, Augusto Silva que é carpinteiro de enchó, João Francisco que negoceia em cambios, Delfim que é comerciante, Domingues que se sabe simplesmente ser de Olhão, e finalmente Ferreira e Manuel Rodrigues que tambem, sem ofensa, não têm, que conste, profissão definida.

Aqui tem o publico, por dentro, o que são os onze homens que naturalmente á hora a que o leitor passa os olhos pelo jornal estão já, em pleno campo do Lumiar, deante de 30.000 pessoas, entusiasmadas ou desiludidas, defendendo o nome de Portugal, aos pontapés numa bola, e de cuecas...

* * *

Mas, não julgue o leitor que um desafio de foot-ball é hoje, em qualquer parte do mundo, a inofensiva brincadeira de ha vinte anos.

Hoje, uma grande festa desportiva com o IV Portugal-Espanha tem o legitimo direito de ser considerada como um grande acontecimento social. Se um dia, por ventura, Portugal tivesse uma grande classificação desportiva, esse facto influencia duma maneira formidavel em todas as suas relações exteriores. Foi já aqui dito que a America deu credito á Polonia por ela possuir o primeiro atleta completo do mundo.

Parece uma fantasia de magazine—e é apenas uma verdade verificada das chancelerias comerciaes.

* * *

Entre os dois homens da colonia de Montachique houve uma inpertinente desavença. Dois sôcos, umas garrafas no ar, cinco minutos de chinfrim. Citamos o facto, apenas para dêle concluir que Ribeiro dos Reis soube manter com firmeza a disciplina precisa fazendo desaparecer o primeiro prenuncio de desordem.

Verificamos como se conseguem manter debaixo dum espirito de disciplina consciente 15 ou 16 homens—apenas porque todos tem a noção da sua grande responsabilidade.

* * *

Uma nota de ternura: Jaime Gonçalves recebe a visita da esposa e duma filhinha. Vêm visita-lo aquele cativeiro forçado. Ha beijos e quasi lagrimas.

Uma nota de disciplina: Todos estão no campo para partir para Loures. Chico Vieira está no automovel dum amigo, o que é mais comodo, e que se prontifica a leva-lo. «Não senhor venha para o camion, vá com os outros!». E lá foi no camion...

* * *

Todos estão alegres. Sentem que toda a rapaziada portuguesa atenta neles. Ha um «frisson» de entusiasmo nos seus olhares. Jaime Gonçalves conversa comnosco. E' um dos homens de mais prestigio moral das selecções.

—Diga-me: Então vai desta vez outro «goal» na rede de Zamora?

—Não me diga isso que «encaliso». Ferei o que puder, o que calhar, o que fôr geito fazer: Ha entusiasmo e vontade, nada mais...»

* * *

O horario dos «presos» era este: Levantam-se ás 7 da manhã e têm um pequeno almoço. Vão para a quinta de S. Geão fazer o «camping», a que se segue o tempo de gimnastica pelo prof. sueco Bookulberg. Depois banho, no tanque. Ao meio dia, almoço. Depois, repouso. A tarde pequeno passeio, chinquilho e caça.

Jantam ás 8 horas prefixas e deitam-se ás 11 da noite.

* * *

Resumo: Viemos de Montachique com a impressão de que esta tarde, os jogadores portugueses que se apresentam no Stadium tem obrigação de corresponder ao criterio, ao bom senso e ao escrupulo com que foi preparada pela União de foot-ball a sua apresentação na sensacional «performance».

O Homem que passa

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

Um formidavel exito tem causado o nosso concurso de foot-ball. Chovem nos nossos escriptorios os selos com votos, estando á frente dos concorrentes, por agora, Jorge Vieira, Francisco Vieira, Leandro, José Francisco e Cesar, que tem sido os mais votados, embora já tenham aparecido selos com outros nomes, que iremos publicando. Alguns trazem entusiasticos votos. Uma senhora declara-se apaixonada «esteticamente» por Jorge Vieira—e o felizardo jogador sem saber... Outras, e outros votam, nos seus predilectos. Quem merecerá o 1.º Premio?

Votam em Jorge Vieira:

Regina Crauer Cascaes
Maria Ennes Guimarães
Maria Candida Terino
Mario A. Galo
Fernando Nogueira
Melquiades A. Sampaio
José Felisberto Móra
Custodio Pera
Abranches Atilio
Jeronimo Saraiva (filho)
Francisco de Castro

Votam em Francisco Vieira:

Antonio Cruz
Pedro Gomes Carvalho
José Nicolino
J. Assis Pacheco Junior
Teles Machado
J. de Melo Correia
José Barata

Votam em Leandro:

Susana Araujo
Pedro Custodio Cesar
Carlos A. Boavida
Manuel Terenas
Francisco Cerqueira

Votam em João Francisco:

Manoel P. Bastos
Carlos Joaquim Gomes
Eduardo Figueira
Sebastião Gomes Freire
José de Figueiredo Carreira

Votam em Cesar de Matos:

Adriano Pires Lacerda
Joaquim Soares Nobre
Carlos Alcantara

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito: ....

Eleitor: ....

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

A dama mascarada—Edição Albatroz o que equivale a dizer que é um bom film. O meteur-en-scéne russo. V. Tourjanski e os seus artistas, vieram produzir em França uma acção benefica. Transformaram por completo os velhos processos de cinematografia franceza e ergueram-lhe o nivel artistico, ao passo que eles proprios se conservavam no primeiro posto da cinegrafia europêa. *A dama mascarada* é uma bela prova de tal facto. Argumento rapido, veemente, conciso, fotografia impecavel quando não superiormente bela, efeitos de um ineditismo flagrante, mise-en-scene audaciosa, moderna, cheia de vigor e equilibrio. Interpretação com Natalia Kowanco e a sua beleza, Rimsko e a sua arte da composição, Koline e a sua genial naturalidade, raiando a grande altura.

A lei da hospitalidade—Eis um «film» comico. Perder-nos-hiamos ao descrever-lhe as qualidades intrinsecas e extrinsecas. A' guisa de aplauso diremos que é o primeiro film comico, verdadeiramente digno de figurar ao lado da trindade suprema «Charlot nas trincheiras», Vida de cão» e «O garoto de Charlot». Um autentico assombro. Buster Keaton, coloca-se de golpe no lugar que o genial Chaplin, deixou vago após o «Peregrino»...

Scaramouche—A 2.ª jornada deste portentoso film é bastante superior á primeira. E' este o melhor elogio que podemos fazer ao film que obteve o premio Alfonse Zukor, em competencia com as maiores produções mundiaes.

A Torre de Nesle—Este film que foi reprisado em grandes «talhadas» afirmou-se mais uma vez o mais fraco film de séries da ultima produção franceza. Processo» velhos, charros e gastos. Uma miseria e uma troça!

O Milagre de Lourdes.—Continua esta mistificação sociologico-literaria a iludir os incautos. Na interpretação, até Henry Krauss, o precursor, é duma infelicidade a toda a prova.

ÉCRAN

Cinemas, teatros e circos

o momento teatral

Concurso Teatral

«FINALISTA»

Auzenda d'Oliveira?

Num concurso de beleza
Creio que sairá rainha
A mais gentil portuguesa
A graciosa Auzendinha!

UM VELHOTE.

Linda qual bonequinha.
Engraçada e buliçosa,
Só a nossa Auzendinha,
Sempre alegre e graciosa.

UMA AMIGA de 11 ANOS.

Graça frescura e beleza
—Que todo o mundo o entenda.—
Só existe com certeza,
Na nossa gentil Auzenda.

M. MENDES.

Os tristes pecados meus
Em vida os hei-de remir
Vendo os olhos da Auzenda
Sempre dos meus a fugir.

SALLES.

Não sei bem o que dizer
Nesta confusão tremenda
Mas o que tenho a fazer
E' dar o voto á Auzenda.

«RABUJA.»

Ao Sales eu preguntei
Qual a sua opinião.
—Meu voto dava á Auzenda
Se entrasse nessa eleição.

MATIAS.

Qual a mais bonita actriz?
Sabe-o bem Lisboa inteira.
Por toda a parte se diz:
E' Auzenda de Oliveira!

ROSA.

Impossivel se pretenda
Haver outra mais bonita
Do que a graciosa Auzenda,
Encantadora Frasquita!!

UMA ARTISTA (que não é invejosa.)

Ha muita actriz galante
De rosto lindo e seductor
Porem um idolo que encante
Oh minha Auzenda não ha melhor

C. LOUREIRO

Fui hontem ao S. Luiz
Para ver a «Bailadeira»
Não gostei pois lá não vi
A Auzenda de Oliveira.

UMA GAROTA

Quien será la mas bonita
mujer de Portugal?
Creo bien es la Auzendita!
no puede tener rival!

UNA SEVILLANA

Como proba del cariño
y de mi gran afeción;
Doy mi voto a Auzendita
Que es la mia perdicion.

PEPI

Que é Laura Costa a mais linda
Ha quem assim o pretenda;
E' bonita, mas ainda
E' mais bonita a Auzenda!

TILIA

Escusam de me convidar
Para teatros de feira,
Vou ao S. Luiz admirar,
a Auzenda d'Oliveira

JOSELITO

Não sei onde vou parar,
Ando sem eira, nem beira,
mas o meu voto vou dar,
A' Auzenda d'Oliveira

MAURICIO

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

Num paiz onde o trabalho, a iniciativa, a fé, o espirito renovador e o valor individual ofendem como se fossem crimes—a personalidade de Antonio Ferro tem despertado invejas e malquerenças. No entanto, jamais os bicos da sua pena agrediram fosse quem fosse. Jamais a sua voz se ergueu para destruir por sistema, e Jamais, mesmo nas acesas polemicas, a sua elegancia e a sua correção se quebraram.

Pois nem por isso, os seus mediocres inimigos desarmaram. Que não desanime! A geração moderna deve a Antonio Ferro—é tempo de dizê-lo!—o que não deve a todos aqueles que, por comodismo, por espirito acomodaticio, por preguiça mental e por interesses materiaes, transigem com tudo que de leve os possa vir prejudicar.

O Teatro Novo, que é uma desinteressada, inovadora e bem intencionada tentativa, —dum patriotismo e duma elevação que infelizmente não são comprehendidos—ficará como um dos padrões desse heroico esforço que o melhor da geração moderna tem tentado em Portugal, neste injustissimo e desolador terreno da vida mesquinha e sonolenta de Lisboa.

As duas rivaes na belesa

O nosso formidavel concurso teatral!

No proximo Domingo publicaremos o resultado!

Não fizemos ainda a contagem defenitiva, e apesar de termos anunciado que não receberiamos mais quadras chegam ás centenas, por dia, ao nosso jornal!

Uma verdadeira avalanche de admiradores procura defender a sua preferida, Laura Costa e Auzenda, a famosa Lálá, a encantadora "Frasquita" estão empatadas por emquanto. No proximo numero daremos o resultado da contagem que nos levará horas a fazer. Logo depois terá logar a grande Festa do Domiugo Ilustrado no teatro da Actriz premiada, sendo recitadas as melhores quadras por artistas da companhia e usando da palavra o nossos queridos director e critico humoristico, srs. Leitão de Barros e Henrique Roldão. O Juiz para a classificação das quadras será constituido pelos poetas de reconhecido merito Ex.mos Srs. Gustavo de Matos Sequeira, Thomaz Ribeiro Colaço e Americo Durão.

Concurso Teatral

«FINALISTA»

Laura Costa?

Graciosa, fina e mignonne
Laura Costa, a linda estrela
Com seu cabelo á garçonne
E' de todas a mais bela

SALVA TERRA.

Prodigio da Natureza
Gentil, formosa e bem posta
Quem triumfa com certeza
Ha-de ser a Laura Costa.

COIÓ.

A Laura Costa é quem vence
Digo-o aqui com afoitesa
Pois a gloria lhe pertence
De ser a maior beleza.

F. ROCHA.

A Auzenda é mais bonita!.....
Digam lá o que quizer,
Mas há alguem mais catita
Do que a fada do Maier?

A. SILVA.

Afirmam todos em suma
Num brado que tudo arrosta
Belas actrizes... ha uma
E' spmente a Laura Costa.

CARLOS PINTO.

Comvençam-se as estrelinhas:
De quem o povo mais gosta
—Digo-o eu — e não tem «spinhas»—
E' da linda Laura Costa.

JORGE RAMALHO.

—Na comfissão — Diz o padre.—
«De mulheres você não gosta?
Logo respondo apressaeo.
Sim senhor, da Laura Costa.

CRENTE.

P'ra que se hão-do cançar?
A Laura Costa afinal
E' quem ha-de triunfar
Porque ela não tem rival.

RAUL MIRA.

P'ra juntar aos que já tem,
O meu voto tambem dou:
Na Laura é que fica bem...
Que lá burro é que eu não sou...

OLLO.

A favor de Laura Costa
A divette com tic...
Eu resolvi (se assim gosta)
Transformar-me num cacique.

MARUJINHO.

E' Laura Costa a mais linda
Das nossas mulheres de scena
E por isso eu voto ainda
N'esta tão bela pequena

LIDIA.

Quem melhor representa
Um maluco vai notar
So pela Laura Costa
E' que eu irei votar

UM PALENSO.

Eu posso aqui afirmar
Mesmo que seja em aposta
Todos votam como eu
Na gentil divete Costa.

VICENTE.

Não ter visto teus olhos melhor fôra
O' graciosa Laura, divinal
Eu nunca vi mulher tão pertubadora
Nem ha mais linda actriz em Portugal.

EDUARDO PACHECO.

Eu faço já uma aposta
Contra quem for que quiser,
Mais linda que a Laura Costa
É impossivel haver.

INACIO VAU-ZELLER.

Para quem me contradite
Eu so tenho esta resposta:
—«No teatro, um apetite
Ha so uma, a Laura Costa»—

ANTONIO FELIPE.

ESTADO DO CONCURSO ATÉ AO N.º 16

Auzenda d'Oliveira	56 votos
Laura Costa	56 »

S. Carlos — Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico e toda a companhia.

S. Luiz — Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos. Grandioso exito de arte e elegancia.

Salão Foz — As maiores atrações de Music-Hall.

Avenida — Espectaculos pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Politeama — «Aigrette» grande sucesso de toda a companhia Rey. Colaço-Robles Monteiro.

Trindade — Capital Federal—feeries e revistas, sucesso grande. Cremilda e brilhante grupo de artistas e coristas.

J. Almeida — A «Severa com Palmira. Colossal exito.

Coliseu — Grande companhia de opera italiana. Espectaculos variados todas as noites.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Uma impressionante pagina que se lê duma vez. A historia duma recente aventura passada nos «misterios dos ministerios» e onde é heroi um pobre amanuense vitima da curiosidade. Emoção, interesse, e base de verdade na narrativa.

POR exemplo—disse o Mascarenhas—o Castelo dos Mouros em Cintra! Ha cisternas que teem ligação com a Pena e dizem que no tempo da conquista, ficaram por lá, em subterraneos que ninguem conhece, muitos tezouros que os mouros esconderam!

—Olha, no Castelo de S. Jorge, tambem dizem que ha um tunel que não se sabe onde vae dar!—apontou Gervasio, um rapaz magro e um tanto macilento, que para ali viera transferido do Ministerio da Agricultura—Eu gostava de visitar essas coisas!

—Isso!—acudiu de novo o Mascarenhas—já muitos quizeram explorar o tunel, até jornalistas, mas parece que a certa altura, apagam-se todas as luzes e ninguem passa!

—Essa agora!

—Dizem!—e o Mascarenhas continuou a fazer a minuta da portaria.

Houve um silencio. Apenas o tic-tac das machinas de escrever punha na repartição um sinal de vida. Subitamente o Velozo, primeiro oficial chefe de secção, que era muito antigo no Ministerio, declarou:

—Conheço uma coisa aqui bem perto que essa é que é deveras extranha!—e poisando a luneta em cima do volume do Diario do Governo que consultava, proseguiu.—Esse é que é um segredo que ainda ninguem foi capaz de descobrir!

—Qual é?—perguntou vivamente Gervasio, numa curiosidade quasi infantil.

—O arco da rua Augusta!

—Que tem?

—Que tem? Tem um quarto que todos sabem que existe mas ninguem sabe lá ir!

—Hom'essa!?—disse o Marcarenhas levantando-se e vindo á secretaria do Velozo.

—E' como lhes digo! Vocês já viram a planta do Arco que está na Junta do Credito Publico? Pois já eu vi! Lá está marcado o logar do compartimento! E vocês podem muito bem ver a janela gradeada que é a do tal quarto!

—Vê-se cá da rua?—perguntou vivamente Gervasio.

—Sim senhor! Da esquina da rua dos Capelistas, vê-se perfeitamente!

—E diz você que ninguem sabe lá ir!?

—E' verdade! Sabe-se que existe, sabe-se que ha lá qualquer coisa, mas ninguem dá com a entrada.

—Isso é extranho! Você fala verdade?

—Homem! Dou-lhe a minha palavra d'honra! Olhe ali está o Rodrigues que tambem já viu a planta!

—E' verdade—acudiu o Rodrigues—Existe o tal quarto! Agora o que vocês não sabem é que ha quem lá vá!

—Ah! Então...

—Mas não se sabe quem é!—afirmou o Rodrigues—Olhem, eu já por duas vezes, quando havia serões cá no Ministerio, ao sahir da repartição vi uma luz encarnada na tal janela!

—Uma luz!?

—E' verdade!

—Mas então ainda ninguem tentou descobrir esse misterio?—indagou Gervasio com mostras de grande anciedade.

—Parece que não!

—Isso devem ser coisas secretas do governo!—afirmou Mascarenhas.

—Não me parece porque quando foi ministro o Dr. Ramada Curto, um continuo ouvindo contar o caso, quiz ir ver se descobria o misterio e, até hoje, ninguem mais o viu!

—Que caso tão extranho!

—E' verdade!

Um continuo veio anunciar a chegada do Ministro. O Velozo tomou a pasta dos despachos e sahiu.

Rodrigues continuou dando as entradas, o Mascarenhas principiou outra portaria e Gervasio fincando o queixo na palma da mão, fixou um ornato de gesso que encimava uma das portas, perdido o pensamento em conjecturas.

* * *

Realmente o quarto lá estava marcado na planta do Arco. Pela escala da planta devia ser um compartimento de seis metros de comprido por quatro de lado. Lá estava a fresta com grade mas nem o mais pequeno apontamento sobre a entrada.

Escada alguma ou sequer uma porta, marcava a planta. Apenas em quatro traços negros, a parte ocupada pelo quarto misterioso. Sahiu agradecendo a amabilidade do funcionario e veio espreitar á esquina da Rua dos Capelistas. Efectivamente lá estava a fresta que ha cinco dias lhe bailava á frente dos olhos com esgares de troça. Pois seria possivel?! Ali em pleno coração de Lisboa! Mas que mistério?! Que podia haver por detraz d'aquela janela gradeada?! E como é que aquele misterio podia viver ali, ocultamente, no meio do ruido da cidade, do movimento das ruas, sob os olhares de toda a gente?!

E a ideia, que ha cinco dias lhe tirava o sono das noites e o preocupava cruelmente, como uma garra de ferro, voltou de novo.

Sim, já tinha estudado o plano. O mais dificil era segurar-se no espaço que vae do telhado do Ministerio até á primeira figura, depois seria facil. Os ornatos de pedra eram grandes, havia mesmo um rebordo que facilitava a passagem e depois... se não conseguise limar as grades da janela, espreitar, só, espreitar só! Com a ajuda de uma lampada electrica poderia ver o que encerrava o misterioso quarto.

Estava decedido. Seria naquela noite, ahi pelas trez horas, quando a cidade dorme e só algum vago ruido vem quebrar o pesado manto de silencio em que Lisboa dorme envolvida.

Seria naquela noite...

* * *

Ha muito já que era escuro.

Proximo da hora da sahida, tinha-se escondido sob uma prateleira do archivo da 3.ª Direcção, logar onde se ia raras vezes.

Sem fazer ruido, cautelosamente, tirou de cima das pernas o masso dos processos que o escondia aos olhos de quem podesse ter aparecido, e foi escutar á porta. Nos largos e frios corredores do Ministerio, mortos áquela hora, apenas o galopar das ratas quebrava o enorme silencio.

Carregou no botão da lampada de algibeira e logo, um circulo de luz muito viva banhou os montes de livros ali arrecadados.

Palpou na algibeira a lima grossa, os fosforos, a vela que tinha levado por precaução e olhou o relogio. Eram onze e meia.

Abriu de vagar a porta. A' aparição da luz, as ratas enormes, correram em debandada em todas as direcções. Lá para o fim do corredor, tudo era sombras.

Sentiu um arrepio riscar-lhe o corpo. Realmente, se alguem o apanhasse áquela hora, n'aquele logar!

Como se justificaria? Qual a desculpa? E depois, o que ia fazer... Aproximou-se d'uma janela. A noite estava terrivelmente escura e chovia. Apenas no rio algumas luzes, poucas, tremulavam na densidade da escuridão.

Que iria acontecer? Fazia mal talvez! Mas não! A'quela hora todo o edificio estava abandonado e... no dia seguinte que prazer o seu, quando declarasse:—descobri o Misterio do Arco da Rua Augusta!

E ficou-se olhando as luzes dos barcos do Tejo, que á distancia, lembravam fogos-fatuos.

Um relogio perto bateu trez horas, que foram correndo doidamente por todos os corredores, até morrerem na distancia do silencio. Viu o relogio, então novamente fez funcionar a lampada e subiu as escadas que conduziam ao ultimo andar do Ministerio. Por uma janela baixa facilmente saltou para o telhado. Ao longe abria-se uma claridade frouxa, iluminando fracamente as agulhas da chuva, que reluziam como diamantes. Era o Rocio. Segurando-se ás telhas, de rastos, escondendo o corpo na balaustrada do telhado, foi-se arrastando, arrastando.

Subitamente uma figura enorme surgiu na sua frente. A respiração faltou-lhe por um momento e as unhas riscaram doloridamente no vidrado das telhas. Mas... era uma das figuras lateraes do Arco. Sorriu de si proprio e continuou rastejando.

Chegado ao limite do telhado, olhou a rua. Ninguem. O bazalto batido pela chuva tinha uma côr encebada, a frouxa claridade dos lampiões, abriam com o vento, redemoinhos de sombras.

Estendeu a mão direita segurando-se fortemente a uma saliencia da pedra, depois, puxou com violencia o corpo. Estava no Arco.

Ali, a trez metros ficava, a janela gradeada, a janela que escondia o quarto misterioso que ele *ia ver*. Um silvo de navio cortou os ares. Por uns momentos ficou olhando o rio, na incerteza de que tivesse sido visto. Chegou-lhe aos ouvidos o marulhar das ondas. Muito distante, uma buzina de automovel, era o unico sinal de vida na cidade.

Respirou fundo, palpou mais uma vez a lima e a lampada e, numa decisão brusca, deitou-se sobre o rebordo que se abria em frente.

Um momento de desiquilibrio, de vertigem, e ficaria estatelado na rua.

(Continua na pagina 8)

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

Leia esta pagina porque ela lhe interessará. Toda a deliciosa aventura de D. Manuel, descripta sob uma conversa com um intimo do Paço, nela se evoca leve e graciosa.

UMA PAGINA DE HISTORIA GALANTE

AMOU D. MANUEL GABY DESLYS?

A HISTORICA AVENTURA REAL—A CASA DA RUA DA INFANCIA—DUAS JOIAS COM RUBIS—ALGUEM QUE NÃO QUER DINHEIRO

D. Manoel, que Lisboa, enternecida, viu passear aos treze anos nos carros á «Daumont», de «jalequinha á inglesa» e que embarcou, entre dessimuladas informações dos dignitarios do Paço, uma tarde, na Ericeira, amparado aos braços amigos dos pescadores—esse rei que foi recebido com petalas de rosa e lagrimas de luto e não teve tempo de ser popular — diz-se, amou uma cançonetista celebre, estrela de Paris ha quinze anos e morta prematuramente no seu leito de amôr, uma madrugada, no faubourg Saint-Honoré.

Essa mulher que perturbou o somno real, na pequena camara familiar das Necessidades, e que andava meio nua, escandalosamente, na cigarreira do Rei—veio de França, propositadamente, numa fingida «tourneé» á Argentina, e esteve nos quartos do Avenida Palace, com o nome vulgar e incolor de Marguerite Béranger . . .

* * *

Porque veio — e o que veio fazer a Lisboa a «vedette» parisiense, cujas perolas famosas renderam, apoz a sua morte, uma fortuna de alguns milhares de contos?

Eis o que nas linhas que se seguem chegou até nós, para responder á pergunta, e veio atravez de alguem cuja excepcional situação no antigo regimen pode ainda dar felizmente ao «Domingo ilustrado» algumas paginas de inedito pitoresco sobre a antiga vida palaciana.

* * *

«Não me custa dizer-lhe o que sei a respeito da aventura intima de Dom Manoel com Gaby Deslys.

E sabe porquê? Porque Gaby morreu e El-rei D. Manoel era nesse tempo solteiro e livre. O que lhe refiro não pode nem deve melindrar Sua Magestade. Ao contrario, é uma indiscreção que vem revelar que, se como Rei grangeou simpatias, como homem despertou um amôr terno, simples, e onde passa um delicado fio de emoção e encanto.

* * *

Gaby chegou a Lisboa, a 18 de Junho de 1909 e hospedou-se no Palace. Tinha sido o Conde de F., do Paço, que trouxera os ultimos numeros da Revista «Folies Bergères» cujas fotografias decidiram em definitivo o coração de D. Manoel. Olhe, esta fotografia, que é inedita, ficou entalada no espelho grande da barba, na manhã de quatro de outubro de 1910 . . .» E, o nosso interlocutor fornece-nos o original, com a dedicatoria, afectuosa e simples: «*Recordação de Gaby Deslys—14 de Setembro de 1909.*»

De Janeiro a Junho D. Manoel escreveu três vezes para Paris. Alguem pediu, em França, á famosa «divette» que fizesse escala por Lisboa, na sua «tournée» á America. Não lhe diziam abertamente o motivo: «Uma alta personalidade, de grande destaque, e muito rica se interessava por ela . . .» E, era tudo o que chegava até o seu pequeno «boudoir» rosa, onde entre «coussins» de oiro e paredes de laca japoneza a artista repousava dos sucessos da noite. . .

—Mais, qui est-ce que est?—fazia a sua pequenina boca de cereja a todas as sugestões da imprevista e estranha viagem ao fim da Europa.

O »Je sais tout» publicava, com larga copia de fotografias, o famoso artigo: *Le plus jeune Roi de L'Europe.* E alguem estendeu, sob os olhos azues de Gaby, os retratos do moço português, onde havia ainda, o ar casto e macilento das adolescencias inexperientes.

Gaby convenceu-se. Pois seria possivel, um Rei, apetecê-la? E era esse Rei um rapaz, moreno e terno como os homens do sul, o que procurava a tantas leguas de distancia a sua linha esbelta de arveola parisiense?

Sim, iria . . .

E, na noite abafada de 18 de Junho de 1909, uma mulher, elegante e agil, saltou do «sleeping-car» na estação do Rocio, com uma pequena «valisse» de coiro da Russia e uma «écharpe» verde nos olhos, e entrou no pateo deserto do Avenida Palace . . .

Era Gaby!

ESTA FOTOGRAFIA INEDITA DE GABY FICOU NUM ESPELHO DO PAÇO EM 4 DE OUTUBRO DE 1910.

GABY DESLYS A FORMOSA ARTISTA FRANCESA

* * *

«Foi na minha casa da Rua da Infancia que ás 10 horas da noite de um domingo D. Manoel viu, pela primeira vez, a «rainha» das «chanteuses» francesas de Music-Hall. Era perigosa e incomoda a entrevista no Palace. Requeria-se uma casa modesta, apagada e anonima, onde o Rei não fosse mais do que um simples rapaz de palhinhas de aba larga—como então se usava—fumando despreocupado a sua cigarrilha.

Gaby chegou ás nove e meia num «coupé», sosinha. Olhou muito a escada modesta e sem guarda portão, e perguntou-me, na curta meia hora de espera, emquanto fumava desabridamente, se havia a certeza absoluta do Rei vir. Estava evidentemente nervosa, e uma palidez febril aparecia por debaixo do seu «maquillage» habitual . . .

* * *

Oito dias depois — no Pinhal da Marinha, entre Sintra e Cascaes, ouve um rendez-vous no campo.

Em pleno pinheiral, ao sol duma tarde amorosa de Junho, o Rei e Gaby merendaram um farnel da Marques e morangos frescos de Colares, que eu proprio lhes levara. Quando á noite regressei com ela de automovel, a minha elegante companheira ia calada—e calada chegou ao hotel.

Quando me despedi—duas lagrimas andavam já nas suas pupilas claras. O eterno drama das operetas vienenses, a senda fatal das Gautiers, escrevia mais uma dolorosa pagina de amor . . .

* * *

Apesar do sigilio completo que envolvia aquelas particulares relações do Rei, a verdade é que um semanario republicano publicou umas palavras que nos sobresaltaram. Estariam de facto os inimigos do Paço na posse d'alguma prova concreta dos inofensivos «rendez-vous» reais?

D. Manoel, contrariado com os avisos do Conde de F., chamou-me logo. Que se ha-de fazer da rapariga?—Se você, S.*** passasse pelo Leitão . . . uma pulseira, uma joia qualquer, bonita, com rubis—que tenha rubis!—é a pedra predilecta . . .—Eu escrevo-lhe uma carta . . . que se hade fazer . . . Olhe, V. vá lá sim? Mas eu não posso, eu não devo voltar a sua casa. O F. acha isso perigosissimo, nesta altura . . . Tem paciencia, S***, vai lá . . . E dinheiro . . . o que ela quizer.

* * *

O meu dialogo com Gaby foi curto. Eu tinha de facto passado pelo Leitão e levara-lhe um lindo «pendantif»—dois magnificos rubis em platina.

—Esta joia é a recordação de El-Rei . . .

—Sua magestade não pode infelizmente voltar—já ha quem saiba e torna-se perigoso . . .

Estou ás ordens de Mademoiselle para tudo o que necessitar . . . Dinheiro . . . o que fôr preciso . . . Gaby voltou lentamente a cabeça para mim, estendeu a mão á joia, olhou-a, fixou bem os olhos nos rubis, e murmurou:—«C'est assez» . . .

Depois, sempre lentamente, como se uma força se lhe fosse extinguindo intimamente, abriu uma pequena mala e dela tirou um estojo, onde repousava um admiravel, anel, tambem de rubis, de identico valor.

—Eu não recebo dinheiro . . .

—Leve isto a Sua Magestade . . .

—Esta joia é a recordação de Gaby... Au revoir!

O Reporter Misterio

Secção a cargo de José Pedro do Carmo

QUADRO DE HONRA

Rei Mora—Avlis—Violeta—Sentinela & Gomes—A. Dias—Rei do Orco—Castro & Yeiga—Aipmilo.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 15.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Felisberta
Charadas em frase: Flador—Açorda.
Enigma pitoresco: Cão que ladra não morde.

CHARADA EM VERSO

(Reptando todos os colegas que colaboram nesta secção)

Olho alerta charadistas,
Mãos á obra seus artistas.

A charada aqui presente
Embora tal não pareça
Só encerra, podem crer,
Um grande quebra cabeça

Minha mulher é artista—3
N'esta coisa de petiscos
E com esta bagatela—2
—Cinco tostões de mariscos—

Arranjou uma merenda
Qu'eu mais a rapaziada
Fomos p'ró campo comer
Em alegre patuscada

CHÁ-TANGO

CHARADAS EM FRASE

A mulher com esta planta fez um lindo tecido—2—2.

AFRICANO

(Ao distinto colega Zarita)

Duas vezes seguiu na embarcação este tipo finorio—1—1.

AVLIS

O filo do esfarrapado é sempre a revolta popular—2—2.

PAM

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

CAMPO PEQUENO

UMA GRANDE TARDE DE SIMÃO DA VEIGA (FILHO)—POUCA CENTE, EXCELENTE CURRO E UM TRABALHO HONESTO DE «FACULTADES»

COM algumas falhas nas bancadas de sol, a sombra pouco concorrida e bastantes camarotes desocupados, ausencia de publico proveniente das centenas de aficionados que foram á corrida de Badajoz, realisou-se no domingo a primeira tourada que satisfez quasi plenamente esta epoca, no Campo Pequeno, concorrendo para isso o excelente curro de touros, todos puros, da ganaderia da Sociedade Agricola da Golegã, que não desagradou tanto em apresentação, bem tratado e de lindas estampas, quanto em bravura, á excepção de dois, como raras vezes, temos visto, ultimamente.

Simão da Veiga (filho) e «Facultades» foram os heroes da tarde. Desnecessario será dizer o que estes dois artistas fizeram com touros, mas touros a valer, chegando as ovações a serem delirantes; uma perfeita loucura!

A lide equestre a cargo de Simão da Veiga (filho) foi á ultima hora reforçada com seu pae apresentando-se ambos ás cortezias vestidos rigosamente á andaluza e com esse mesmo trao, Simão (filho) lidou um touro a pé, executando um belo trabalho de capote, seguido de tres exelentes pares de bandarilhas e alguns passes de muleta cingidos e adornados, dando-nos a impressão de estarmos na presença de um espada de grande cartel.

No toureio a cavalo, manteve-se como sempre, colossal, não sucedendo o mesmo a seu pae, que não conseguiu evidenciar-se.

O espada «Facultades», incansavel em toda a corrida, cravou alguns grandes pares de bandarilhas e com o capote e muleta executou uma brilhante faena entrecortada de «olés» e muitas palmas a coroar o seu trabalho arrojado, artistico e muito valente.

Alfredo dos Santos e Agostinho Coelho bandarilharam a contento o 2.º touro, cravando aquele um par a cambio, bem marcado, depois de uma preparação um tanto demorada.

Os forcados, valentes e unidos, fiseram quatro pegas, sendo muito rijas uma de cara e outra de cernelha.

A direcção a cargo de Luiz Pimentel, bôa como sempre.

ZÉPEDRO

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

UMA CASADA:—Não minha senhora, pode estar descançada que essas coisas não crescem assim. E, já lá diz a sabedoria das Nações, ele tem de ser por força o ultimo a saber.

GARÇONNE:—Não tenha receio. A ultima coisa que a móda mandou cortar foram as sobrancelhas. Depois d'isso ainda não é móda cortar mais nada. Deixe por tanto crescer o buço que é sinal de mau genio.

XISTO XIMENES XAVES:—Talvez com a ajuda de um policia. As mulheres não se prendem, elas é que se deixam prender, o que não é bem a mesma coisa.

FLOR DE ABRIL:—Alma boa, simplicidade um pouco forçada, mas no fundo uma tonta por rapazes que se saracoteiam bem no *fox-trot* e muito principalmente no *maxixe*.

BAETA:—E' uma letra protestada pelos rudimentares principios da ortografia. *Explicar* é com x e não com s.

PROF. HAITY

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem acompanhadas do selo que vem publicado abaixo.

Recortar este selo e enviar com a consulta o Prof. HAITY.

RUA D. PEDRO V, 18—LISBOA

O SEGREDO DO ARCO DA RUA AUGUSTA

(Continuação da gagina 6)

Parou um instante, e sem olhar para baixo, a atenção presa na linha do rebordo, foi rastejando.

Um *sid-car* passou, abalando a noite com as explosões do motor.

Depois de uma breve pausa, continuou a caminhar de rastos. A guela da rua abria-se terrivelmente para ele. Sentia-a espreita-lo, a chama-lo! Fechou os olhos e juntou o peito de encontro á pedra. Uma saliencia maior, principio dum ornato grande, apareceu ao alcance da mão. Mais meio metro e a janela gradeada *era sua!*

Numa ancia febril, elevou-se nos pulsos que abriam sangue sobre o frio da cantaria, as unhas estalaram-lhe em dores nas asperesas da pedra. Subito, *sentiu* que estava debaixo da fresta gradeada! Sem respirar, a boca aberta de anciedade, ergueu-se lentamente e... era ela!—a janela do quarto misterioso que tinha ali deante dos olhos! Era um buraco negro, pavorosamente negro, com dois ferros em cruz a taparlhe a entrada!

Puxou a lampada electrica e, ao mesmo tempo que premiu no botão, olhou:

Era um quarto de quatro paredes lisas, sem uma unica porta. Ao centro tinha uma meza com papeis, um tinteiro e uma lanterna de vidros encarnados. Junto da meza, encostada a uma pequena maquina de impressão, uma espingarda de guerra. A um canto, muitos livros e varios frascos grandes, de cores variadas. No chão uma jarra com flores, na parede um mapa anatomico de cabeça humana, encostada no chão uma escada de metal. Meio escondido na quina de duas paredes um grande armario fechado a cadeado e sobre uma cadeira de coiro gasto, um retrato a oleo do Marquez de Pombal.

Um segundo bastou para que o foco da lampada electrica varresse todos os objectos mas... que diriam aqueles papeis? Que escondia aquele armario? Que queria dizer toda aquela acumulação de objectos? E de novo olhou: A um canto uma armadura em ferro, que a luz da lampada não tinha tocado ainda, decidiu-o.

Apagou a lampada e tirou da algibeira a lima. Atacou com ela a grade que o separava do misterio, mas estremeceu...

A grade era feita com dois pedaços de madeira!

Com um empurrão forte, partiu aquela fragil defesa e meteu a cabeça pela janela, depois a mão a tactear o interior.

De repente sentiu barulho dentro do quarto e uma dôr agudissima obrigou-o a soltar um grito lancinante que reboou pelas escadas.

* * *

—Querem ver que o Gervasio não vem hoje!—disse o Veloso mudando o casaco da rua por outro já gasto que usava na repartição.

—E agora que eles andam com o «ponto» ás voltas!—acudiu o Mascarenhas.

—Bom dia!—disse o Gervasio entrando.

—Viva! Que demonio é isso no braço?—e o Veloso apontou a mão entrapada que Gervasio trazia ao peito, preso por um lenço negro—Você apanhou algum «enxerto»?

—Descobri o segredo do Arco da Rua Augusta!

—Quê?

—E' como lhe digo!

—Então o que ha lá?!

—Isso agora...—e o Gervasio sentou-se.—Vi—como os estou vendo a vocês, mas quando ia a entrar, um corvo...

—Um corvo?

—Apanha-me a mão e com uma bicada terrivel quasi me devorava dois dedos!

—Você fala serio!?

—Homem! Venho mesmo agora do Banco do Hospital! Ora vejam!—e apresentava a mão entrapada onde uma mancha vermelha de sangue alastrava.

—Mas que demonio tem o quarto?—berrou o Veloso.

—Objectos varios e muitos papeis.

—E você leu?

—Como? Com a mão a escorrer sangue, nem sei como de novo voltei ao telhado! E meus amigos, quem quizer que vá lá, eu é que não caio noutra! O raio do quarto tem misterio! Que demonio será!?

H. R.

pagina feminina

Carta de Paris

Penteados modernos: as ultimas novidades

COMO todos os detalhes da «toilette», o penteado evoluciona e a moda impõe-lhe transformações. Os cabelos curtos penteiam-se mais achatados sobre a testa do que no inverno passado e uma ondulação marca-os sómente na sua base, desenhando uma especie de corôa em torno da cabeça. Os cabelos dos lados, apertados atrás da orelha, descobrem-na, mas enquadram-na n'um gracioso arabesco. Este penteado é lindo para um rosto moço, com a condição de que a orelha seja pequena e bem desenhada e que o rosto suporte este penteado dum caracter bastante especial.

Para a noite, o «chignon» postiço oferece variados recursos ás senhoras que, com o decote, preferem o «chignon» á nuca barbeada. Os postiços mais praticos e mais naturaes comportam uma mecha que nós mesmos arranjamos. Pode-se variar assim á vontade a forma do chignon: E o mais interessante, se fôr possivel, é mandarmos dispor assim os nossos cabelos, quando os cortamos. Pelas gravuras que publicamos, facilmente as nossas leitoras podem fazer uma ideia da forma que devem ter esses chignons e como devem ser usados. Cremos que não vale a pena esmiuçar as voltas a dar ao cabelo, pois todas as nossas leitoras, á simples vista das gravuras, as comprehenderão.

Uma liga de organisação caseira

Segundo as estatisticas estabelecidas nos Estados-Unidos, 65 % das riquezas d'uma nação, ao que parece seriam gastos pelos donos da casa, no vestuario e na alimenção das familias. Que esta proporção seja exacta ou aproximada, não resulta menos verdade que a mulher, mais do que o homem, gaste, nas miudás necessidades da vida a maior parte da riqueza desse paiz.

«As mulheres fazem e desfazem as casas», diz um velho proverbio; poder-se-hia dizer tambem justamente: «As mulheres fazem e desfazem os paizes».

Consciente do papel muito importante da dona da casa na economia nacional, a Liga de

organisação caseira, que acaba de constituir-se em França, tem precisamente por fim vulgarisar, entre as modernas donas da casa, os metodos de alto rendimento que augmentam o conforto e o bem-estar, ao mesmo tempo que diminuem a fadiga do trabalhador.

Esta liga é, pois, antes de mais nada, uma liga que defende os interesses da nação e das familias e que tem por fim o fomento da riqueza geral, simplesmente pela aplicação de melhores metodos de trabalho caseiro.

Ou solteironas ou doutoras

Eis o dilema que foi posto recentemente a trinta e quatro doutoras em medicina, de Londres, e esta imperativa formula não deixou de causar entre elas uma certa comoção.

As funções de esposa e dona de casa seriam, pois, incompativeis com as de medico? Tal seria, com efeito, a opinião do Conselho Municipal de Londres: este acaba de decidir que as mulheres que possuem o diploma de doutor em medicina e são empregadas nos hospitaes que dependem da municipalidade, deverão abandonar as suas funções se fôrem casadas ou se lhes der na gana de casarem.

Recordemos que esta lei de excepção, que visa hoje uma certa categoria de doutores, es-

tendia-se outrora a toda a corporação: até ao principio do seculo XVI era prohibido aos medicos o casamento.

Mãos limpas e mãos sujas

Não se deve supôr que basta que nos alimentemos d'uma certa maneira para estarmos defendidos contra todas as especies de infecção ou de supuração que podem assaltar-nos. Seria pessimo, com efeito, que nos esquecessemos, em proveito de novas noções, tudo o resto que já sabemos sobre os estragos dos microbios e o interesse que ha em nos defendermos contra elas, antes mesmo de pôrmos em jogo as propriedades defensivas dos humores. Nestes assuntos, duas defesas valem mais do que uma. Ora, os mais simples cuidados da limpeza têm efeitos que em geral nem se sonham sequer.

A demonstração deste acerto acaba precisamente de ser feito por um medico italiano, Scarpeline, que contou os microbios que vivem sobre a pele das mãos de pessoas escolhidas, umas entre as que se lavam frequentemente e outras entre aquelas que não se lavam senão uma vez por semana. As mãos que se conservam limpas não fornecem, em media, mais do que 259 colonias de microbios, ao passo que as que são limpas poucas vezes fornecem nas mesmas condições, muito mais do dobro, ou sejam em media 625.

Explica-se assim que os habitantes das aldeias, para os quaes a agua corrente é, a maior parte das vezes, um luxo dificilmente abordavel, tenham nas mãos mais a miudo do que os habitantes das cidades, destas pequenas doenças ás vezes passageiras, mas tambem por vezes graves penaricios.

Isso, porém, não quere dizer que os habitantes das aldeias não beneficiem, de resto as vantagens infinitamente preciosas em relação aos habitantes das cidades. Com efeito, o ar que respiram é geralmente puro, ao passo que o que é reservado aos citadinos é francamente detestavel.

Má epoca

Tanto na primavera como nó outomno é vulgar ouvir-se dizer em conversas: «Estou desolado; anda-me a cahir o cabelo horrivelmente. Daqui a pouco estou careca!».

Com efeito, nestas duas estações cae mais o cabelo do que nas outras. Mas o que muita gente não sabe é que esse cabelo que cae, morreu de 40 a 60 dias antes no bolbo piloso,

e por isso é até conveniente que caia para deixar logar ao outro, novo, que vem. E bem assim, é conveniente que não se deixe de dar ao cabelo os cuidados indispensaveis a uma boa higiene. Assim, ninguem deve dar ouvidos a fantamagorias, a tratamentos de plantas assim nem de misterios, assado. Tudo são charlatanices.

Ha só um tratamento fundamental para a boa saude do cabelo: lava-lo. Mas lava-lo convenientemente. O sabão puro não serve, porque parte o cabelo. Deve, pois, empregar-se o «Champô Marya», que é um preparado scientifico sério.

As pessoas que têm grande oleosidade no coiro cabeludo, devem lavar-se de 8 em 8 dias. As pessoas que têm o cabelo muito seco e uma caspa seca, devem lava-lo de 15 em 15 dias.

E, ao mesmo tempo, é necessario um tonico que corrija as deficiencias ou as demasias. Assim os que têm grande oleosidade, devem usar diariamente a «Loção Mary»; os que têm o cabelo muito seco devem empregar o «Petroleo Marya».

Por este processo simples obtem-se o que se deseja, sem misterios, nem milagres.

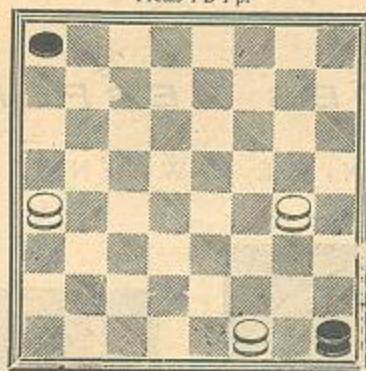
CELIMÉNE

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 16

1	3—8	12—3 (D)
2	13—17	3—10
3	11—16	20—11
4	17—21	10—17
5	31—13—2—16—26	30—23
6	21—30 (D)	23—18
7	30—19	18—14
8	19—6	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 17

Pretas 1 D 1 p.

Brancas 3 D.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveu o problema n.º 14, alem dos indicados no anterior *Domingo ilustrado*, o sr. Armando de Campos.

Resolveram o problema n.º 15 os srs. Arantes e Silva Armando de Campos, Artur Santos, Eugenio Leal, Manuel Pires, (Portalegre), Dr. Kibli, Raul Machado, Um aprendiz (Foz do Douro), Um grupo de amadores (Leiria) e Joaquim Cavaleiro (Porto), o qual nos enviou o problema hoje publicado, e que todos hão-de estimar e agradecer.

—

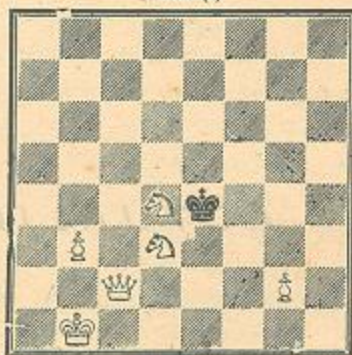
Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do Jogo as Damas.* Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 17

Pelo Dr. Caldas Viana (Brasil)

Pretas (1)

Brancas (6)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

(CONTINUAÇÃO)

Dificuldade de solução, a qual resulta a maior parte das vezes do caracter não agressivo, pelo menos na aparencia, das manobras empregadas.

Colocação esbelta das peças, sua liberdade de movimento e da defesa. Economia dos meios empregados, quer dizer, redução do material ao que é estrictamente indispensavel e utilização completa de todos os elementos deste material.

ACTUALIDADES NO TEATRO

CINEMA

RAMON NAVARRO, o genial galã latino, triunfador do film «Scaramouche» de Rex Ingram.

ERICO BRAGA

Está em foco a figura do brilhante homem de teatro que é Erico Braga, cuja explendida companhia vem marcando em sucessivos triunfos uma época notavel no Teatro de S. Carlos. A sua festa, com «Os três anabatistas» foi mais um exito.

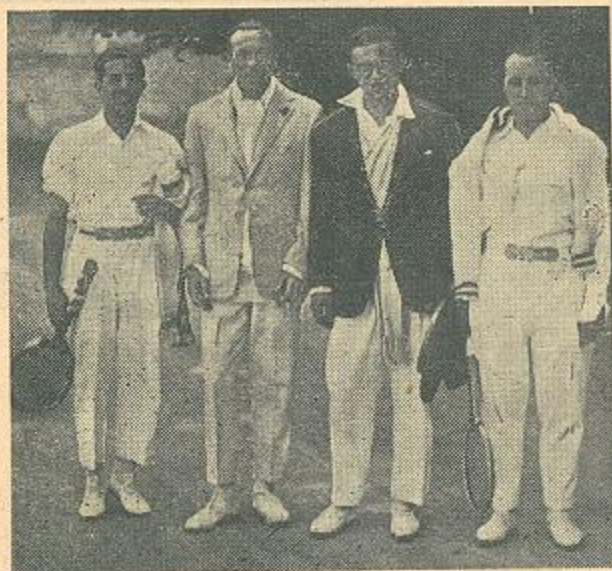
DR. MARIO DUARTE

O nosso presado amigo Sr. Dr. Mario Duarte, que acabá de regressar do estrangeiro onde fez um importante inquerito ao funcionamento das sociedades de trabalhadores de teatro, e a quem se fica devendo a fundação da nova associação dos escritores de teatro portugueses.

CINEMA

GEORGE SIEGMAN, o soberbo interprete de «Danton» na super-producção «Scaramouche», exito do «Condes».

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

A «SAISON» DE LAW-TENNIS

Os distintos tennistas, muito apreciados no meio desportivo, Ex.mos Senhores: Casanovas, Morpurgo, Casali e Vasconcelos. (Cliché Raul Reis)

Uma fase curiosa de grande atitude do jogador italiano Sr. Gaslini. (Cliché Raul Reis)

OS NOVOS

A insinuante actriz Elisa Carreira que se estreiou recentemente no «Nacional» demonstrando grandes qualidades para o teatro declamado.

PUBLICIDADE

A MARCA PREFERIDA PELOS CONHECEDORES. — CENTENAS DE REFERENCIAS. — STOCK COMPLETO DE SOBRESELENTES PARA ESTES CARROS.

C. SANTOS, L.DA

R. NOVA DO ALMADA, 80, 2.º

LISBOA

Brevemente

A novela do DOMINGO

LEITURA FACIL

LEITURA ALEGRE

LEITURA PARA

TODAS AS CLASSES

LEITURA PARA

TODAS AS EDADES

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40

LISBOA

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11

LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

O

A B C-ZINHO É O UNICO JORNAL DAS CREANÇAS PORTUGUESAS.

Fotografia AMERICA

OS RETRATOS MAIS CHICS

RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º

(ao Intendente)

LISBOA

TELEFONE N. 3029

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Pastelaria QUINTA

Grande sortido de cartonagens para brindes — Amendoa francesa — Fabrico esmerado de todos os artigos de confeitaria e pastelaria — Conservas de frutas — Secção de chá e café.

TELEFONE N. 1267

39 — RUA PASCOAL DE MELO — 53

LISBOA

Tapeçarias de Traz-os-Montes (URROS) L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA

TELEF. N. 908

AOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

QUER CONHECER ALGUMA COISA DE ESTILOS DE ARTE

LEIA OS ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

DE LEITÃO DE BARROS

4.ª edição á venda.

O DOMINGO

ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS – PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA – NÃO TEM POLITICA

As estradas portuguesas!

Problema maximo para o fomento nacional — ha que olha-lo a serio. Uma grande casa italiana acaba justamente de lançar uma formidavel marca de automoveis **M O**, que tem entre outros propositos, revestir e dar comodidade, *mesmo nas estradas portuguesas.* Os primeiros carros vão chegar e com eles essa esperança quasi perdida — *andar de automovel em Portugal!*